



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9654 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

SEMINÁRIOS DE (AUTO) FORMAÇÃO: ESPERANÇAR A PARTIR DE DENTRO DA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Edilane Oliveira da Silva - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

**SEMINÁRIOS DE (AUTO) FORMAÇÃO: ESPERANÇAR A PARTIR DE DENTRO
DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Resumo:

O presente texto compartilha uma pesquisa de mestrado em Educação em andamento vinculada a uma Universidade Federal do Rio de Janeiro e acontece em uma Creche Pública Municipal do já referido município. A pesquisa pretende dar visibilidade aos processos formativos (MACEDO, 2020) vivenciados dentro da Creche e refletir sobre como o vivido tem mobilizado as sujeitas/os individualmente e no coletivo. Destacamos neste artigo os Seminários de Autoformação Docente, que são encontros de compartilhamento de experiências organizados coletivamente pela equipe da Creche, realizados nos anos de 2018, 2019, de forma presencial e em 2020, remotamente. A metodologia adotada é a da conversa (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO; 2018), contando com uma apropriação narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2015) e (auto) biográfica (BOLIVAR, 2014), que parte de uma perspectiva de construção de conhecimento a partir de dentro (IMBERNÓN, 2010). Como encaminhamento dessas conversas as educadoras denunciam a escassez de políticas públicas para formação de professores, a descontinuidade de políticas internas para o cumprimento do 1/3 de horário extraclasse, a solidão pedagógica, mas também o respiro e valorização do conhecimento partilhado nos Seminários.

Palavras-chave: Educação Infantil, Formação Docente, Conversas, Experiências.

Nas palavras de Freire (1998), é preciso ter esperança para começar o embate, pois é preciso acordar todos os dias e buscar forças para seguir adiante, acreditando e contribuindo com uma Educação pública, humana, sensível e coletiva, especialmente, neste momento difícil que estamos atravessando: o desgoverno e a Pandemia.

Crendo no embate, na luta, na esperança de tempos melhores é que apresento a pesquisa de mestrado em Educação que está em andamento, vivida em uma Universidade Pública Federal do Rio de Janeiro e realizada em uma instituição pública de Educação Infantil localizada no mesmo município, a qual pretende dar visibilidade aos processos formativos (MACEDO, 2020), em especial aqueles acontecidos nos Seminário de Autoformação Docente, espaços-tempo construídos e vivenciados coletivamente a partir de dentro (IMBERNÓN, 2010) da Instituição, se tornando fundamental refletir sobre as marcas da

constituição dessa comunidade de aprendizagem.

Trata-se de uma Pesquisa-Formação (LONGAREZI; SILVA, 2013), pois a pesquisa alimenta a prática educativa que realimenta a pesquisa, de modo que teoria e prática se retroalimentam, recursivamente, ampliando os repertórios e nutrindo as/os sujeitas/os. A metodologia é apreendida por meio das conversas (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO 2018), tendo as narrativas das educadoras (CONELLY; CLANDININ, 2015) – que participam da pesquisa como coautoras – e as minhas como fios que entremeiam o vivido e o sentido e tecem as tramas que ampliam as investigações, diversificam as lentes, encorpam as reflexões e constroem conhecimento; tornando-se também uma pesquisa de cunho (auto)biográfico (BOLIVAR, 2014). Para isso, faz-se necessário inicialmente mergulhar na história da instituição, buscando compreender o contexto e o modo em/com que o grupo de educadoras vem se constituindo enquanto coletivo para a abertura de espaços de troca de experiências e reflexões sobre suas práticas.

Os Seminários, encontros de compartilhamento de experiências organizados coletivamente na Unidade, são o foco da pesquisa de campo que dialoga com a perspectiva narrativa e compreende a experiência humana por meio de um processo dinâmico de contar e viver histórias – minhas e das participantes – que vão se entremeando e construindo outras narrativas. Dialogar a partir de dentro, para dentro e para fora (IMBERNÓN, 2010) é escutar as vozes das educadoras da Educação Infantil. É visibilizar conhecimentos produzidos e vivenciados dentro da instituição, sendo narrada por uma pesquisadora-professora, que faz parte internamente das demandas e experiências vividas por todas as outras, que também percebem a necessidade de afirmação de suas práticas.

Algumas questões emergem nesse processo de pesquisa, especialmente ao nos debruçarmos nos bancos de algumas produções científicas[1] de referência da área de formação de professores, tais como ANPEd[2] e ENDIPE[3], e não encontrarmos pesquisas publicadas em que professoras da Educação Infantil narrem seus conhecimentos. As pouquíssimas pesquisas que se aproximam, advêm sempre de pesquisadoras/es externos às instituições. Sendo assim, perguntamo-nos: onde estão as/os pesquisadoras/es de suas práxis? O que contribui para essa invisibilidade? Como, o que fazer para que tenhamos pluralidades de experiências?

Nesse enveredar, são apontados alguns possíveis entraves no município pesquisado, como por exemplo: a extensa carga horária, a falta de profissionais, a inexistência de estrutura para políticas públicas efetivas de formação – tanto internas, quanto externas – e o descumprimento do 1/3 de horário extraclasse[4]. Esses são alguns dos fatores que têm contribuído para que as instituições se tornem cada vez mais consumidoras de pacotes prontos, produzindo assim, mais invisibilidades das experiências singulares e plurais construídas nas instituições. Por isso, apostamos em uma formação emancipatória na qual os sujeitos e suas experiências sejam valorizados e conhecidos, rompendo com o paradigma da ciência moderna que tende a silenciar, excluir e desperdiçar as experiências, em detrimento dos conhecimentos reconhecidos socialmente (SANTOS, 2002). Assim, trazer os processos de formação coletiva dentro da instituição na Educação Infantil se sustenta na concepção de que não há uma verdade única, mas diferentes modos de conhecer, ver, ser, pensar e interpretar o mundo (SANTOS, 2019). Assim sendo, a instituição pesquisada sente a necessidade de se ouvir, refletir sobre as experiências docentes, em um processo de retroalimentação prática-teoria-prática, mesmo com todas as adversidades encontradas cotidianamente.

Sendo assim, os seminários foram inaugurados em 2018, mas continuaram se fazendo presentes em 2019, de forma presencial, e em 2020, de forma remota. No total foram 21 encontros, divididos da seguinte forma: 2018 – 12 encontros com 2h de duração cada,

divididos em manhã e tarde; 2019 – 6 encontros com 2h30 de duração e 2020 – 3 encontros com 3h de duração, que se propunham a conversar sobre a docência, partilhar anseios e dúvidas e compartilhar os percursos que foram trilhados com as crianças em vivências naquele mesmo ano ou anteriores. Para compartilhar as práticas, foi necessário fazer inscrição prévia com apresentação de um resumo. Após as apresentações, continuamos com as conversas em roda.

Nos Seminários, as educadoras apresentam suas práticas pedagógicas, com suas questões, problemáticas, seus sucessos e insucessos. Sendo assim, o foco central dessa pesquisa dialoga com as conversas/ narrativas, em uma perspectiva de “pensar com elas, escutá-las, pensar a partir delas, com toda a imprevisibilidade, incomensurabilidade, inventividade que a pesquisa pode revelar” (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018, p. 169). Para isso, torna-se imprescindível trilhar caminhos metodológicos que se propõem a experimentar outras maneiras, se arriscando ao enxergar o mínimo e o efêmero nos processos educativos investigativos.

A pesquisa está em fase de se debruçar, dialogar e analisar o material gravado e transcrito relativo aos encontros do Seminário de 2019. No primeiro olhar investigativo para o material, observamos que as profissionais sentem necessidade de tempo para estarem juntas, especialmente, aquelas que acabaram de chegar na rede, relatam as dificuldades e falta de experiência para trabalhar com crianças pequenas, especialmente, os bebês, destacando que seria importante ter momentos de compartilhamentos de práticas e estratégias desenvolvidas pelas colegas que tiveram contato com estes grupamentos. Enquanto quem está há mais anos na unidade enfatiza que os Seminários foram conquistas em busca da expansão das experiências no contato com a do outro. Denunciam escassez de políticas de formação ofertadas pelo município que geram enrijecimento das práticas, desvalorização do trabalho docente, solidão pedagógica, deixando a cargo da gestão gerir as formações internas sem haver estrutura humana para que aconteça sem prejuízo as atividades cotidianas das crianças na Instituição. Nas conversas colocam o quão importante foi/ é o olhar coletivo, que também pode gerar ações concretas, como as mudanças realizadas nos espaços destinados aos bebês, compreendendo suas especificidades, ritmos, modos de conhecer e vivenciar o mundo, pois o novo olhar se deu nas trocas com a comunidade pedagógica e nas relações tecidas com eles, como sujeitos de direitos dotados de saberes.

Nesse percurso percebemos o quanto as instituições de Educação Básica ainda precisam se inserir no campo das pesquisas e falarem de si e por si, pois o que temos acompanhado é a formação relegada as/aos pesquisadoras/es externos. Cabe frisar a importância da academia nesses processos, por isso, compreendemos que a formação acontece a partir de dentro, voltando-se para dentro e para fora, dialogando com outros interlocutores, reconhecendo o papel fundamental das universidades na construção de uma práxis educativa onde Escola Básica e Universidade se retroalimentem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLIVAR. Antônio. **A expressividade epistêmico-metodológica da pesquisa (auto) biográfica**. Conference: VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biografica (VI CIPA). Janeiro, 2014.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LONGAREZI, Andrea Maturano; SILVA, Jorge Luiz da. Pesquisa-Formação: um olhar para sua constituição conceitual e política. **Revista Contrapontos**. v. 13, n. 3, p. 214-225, set./dez., 2013.

MACEDO, Roberto. **Formação de professores, educação online e democratização do acesso às redes**. Congresso Virtual UFBA, 2020.

NÓVOA, António. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. **Revista de Educación**, n. 350, p. 205-218. Ministério de Educación, Cultura y Deporte español, 2009.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmem Sanches. **Conversa como metodologia de pesquisa: Por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], n. 63, 2002. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/1285>.

SANTOS, Boaventura Souza. **O fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

[1] Pesquisamos trabalhos apresentados e publicados na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa (ANPED) entre os anos de 2009 e 2019 e no Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), nos anos de 2014, 2016 e 2018. A pesquisa nos mostrou que não temos pesquisas narradas por professoras/es a partir de dentro das instituições em uma perspectiva dialógica coletiva, e ainda sendo visibilizada por uma/um dos participantes. Outro fator relevante que nos remexeu foi a questão da invisibilidade daqueles que vivenciam e propiciam fios para que a formação se torne de fato significativa, que são as/os professoras/es da Educação básica.

[2] Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação

[3] Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino.

[4] Lei 11.738 de 2008 em seu Artigo 2º, inciso 4º, ao determinar que “na composição da jornada de trabalho, observar-se-á o limite máximo de 2/3 (dois terços) da carga horária para o desempenho das atividades de interação com os educandos”. Corroborado ainda, pelo Parecer CNE/CEB nº 18 de 2012.